

DESENVOLVENDO O DIÁLOGO ACADEMIA/ONG AFROSUL ATRAVÉS DO TRABALHO: A MÍDIA COMO UMA EXTENSÃO DOS ESPAÇOS

Coordenador: NAIR IRACEMA SILVEIRA DOS SANTOS

Autor: MARA LÚCIA DA SILVA

O principal objetivo foi trabalhar a auto-estima através da conscientização, do protagonismo e do uso de novos referenciais sociais e midiáticos. Considerando que, ao pensarmos na relação mídia / juventude negra, geralmente o que se destaca é a imagem de jovens negros, pobres, personagens de matérias que tratam de violência, drogas e marginalidade, problematiza-se dois conceitos fundamentais neste contexto: juventude negra e mídia. A juventude negra, cuja identidade é de um ser historicamente diferente, mas tratado como desigual, começa a se reconhecer como grupo que precisa garantir direitos iguais. Este Projeto foi desenvolvido com um grupo de jovens, a maioria negra, atendida pela Ong AFROSUL / ODOMODÊ que desenvolve um trabalho visando a preservação da cultura negra. A Ong está situada no Município de Porto Alegre, próxima à Comunidade dos Anjos e à Vila Sossego, bairros de população carente quanto ao nível sócio-econômico. Vale ressaltar que, nessa atividade os jovens participantes estavam na faixa de 10 a 14 anos. A mídia é aqui apontada como um instrumento de contribuição para o exercício da cidadania e fortalecimento da identidade juvenil, ao problematizar de que maneira este grupo de jovens negros e pobres está reagindo à falta de visibilidade ou distorção da auto-imagem a que são constantemente submetidos. Segundo Rique: (...) as identidades juvenis parecem ganhar visibilidade na relação com o contexto sociocultural e histórico em que vai sendo consolidada sua relação com a sociedade, muitas vezes conflituosa, que pode levar o jovem à violência e à ociosidade. São as possíveis escolhas na busca de identificação do jovem que mobilizam a atenção de educadores, ocupam os discursos de parlamentares e de especialistas sobre assuntos que envolvem diretamente a vida de jovens. (...) (RIQUE, 2005, p. 07). O relatório A Voz dos Adolescentes, apresentado pela Unicef, em 2002, afirma que 21 milhões de jovens brasileiros, com idade entre 12 e 17 anos, passam em média quatro horas em frente à televisão. Segundo a Unicef, a televisão é o principal meio de comunicação utilizado pelos adolescentes. Do total, 51% dos jovens afirmam ter na televisão sua principal fonte de entretenimento, e 63,4% acreditam que a programação da televisão brasileira é de boa qualidade. A faixa etária dos adolescentes que passam mais tempo em frente à tevê é de 12 a 14 anos, cerca de

82%, o que se torna um dado alarmante se pensarmos que essa é a fase inicial da adolescência. Os dados sobre a situação atual da juventude negra brasileira revelam a vulnerabilidade de nossos jovens e a importância de se fazer algo para resgatar sua cidadania e auto-estima. Quando a questão é cor de pele, a discrepância é muito grande, simplesmente porque a presença de negros na mídia, principalmente na televisão brasileira, é praticamente nula. A realidade social não condiz com a representação midiática. Os negros aparecem, geralmente, como coadjuvantes ou desempenhando papéis de escravos, empregadas domésticas, alcoólatras, malandros ou corruptos. Por isso a necessidade de lançar mão de outras ferramentas, do mundo da comunicação, buscando referenciais positivos, de inclusão étnico-racial. Através do método de pesquisa-ação e da observação participante, desenvolvemos oficinas de leituras com temas referentes à presença do negro na mídia, construção de blogs em páginas gratuitas na Internet, criação e produção de fanzines. O grupo também assistiu a filmes com temática negra dentro do Programa de Educação Anti/racista no cinema da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com posterior discussão sobre o que foi visto e reflexões nas quais buscamos interagir com os jovens visando despertar nos mesmos o interesse por temas relacionados à identidade e à cultura negra. A resposta ao estímulo sobre como pensar a identidade negra a partir dessas ferramentas midiáticas foi bastante positiva. A maioria dos jovens foi capaz de falar sobre o tema durante as oficinas e, também dissertar sobre o desejo de maior participação nas diferentes mídias, revelando forte consciência da importância de preservar a cultura negra e a identidade como afro-descendentes. Nos encontros realizados, as personalidades negras citadas pelo grupo, geralmente, estavam restritas a jogadores de futebol ou cantores de Rap, percebendo-se que seus referenciais de informação estão vinculados à mídia hegemônica. O que pretendemos com esse projeto foi refletir e aprofundar a análise em torno do processo de construção e fortalecimento de identidades, vinculando isso à possibilidade de formação de novos sujeitos sociais e não só à relevância de ações, como também de mecanismos, para promover esse resgate. Acreditamos que ao desmistificar tais mecanismos, contribuimos para o empoderamento dos jovens, cada vez mais conscientes das manipulações midiáticas e do funcionamento dos meios de comunicação, e capazes de realizar leituras críticas em relação ao contexto social. Ao mesmo tempo em que outras formas de inserção na mídia foram socializadas com os participantes, as oficinas realizadas serviram para mostrar espaços alternativos para as lutas populares, inserindo, também, os jovens nos movimentos sociais pela igualdade de classes, étnica, de gênero e pela inclusão digital e democratização dos meios de comunicação. Referências: ÀRIES, Philippe. História Social da Infância e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. CHAMPAGNE, Patrick.

A Visão mediática. In P Bourdieu (org.). A miséria do mundo. Editora Vozes, Petrópolis: 1997
RIQUE, Célia. Caderno Educação Para a Cidadania. Juntando Saberes e Construindo Prática. Ed. Bagaços, 2005
SILVA, Tomas Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.